

Disputas internas no PT prejudicaram Lula

Brigas pelo comando da campanha ou por causa de alianças minaram trabalho do candidato

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — Uma avaliação equivocada sobre o impacto do real nas eleições e um acordo interno do PT — que entregou ao grupo “duro” de Rui Falcão o comando do programa de TV — comprometeram um esforço de cinco anos do candidato Luiz Inácio Lula da Silva para chegar ao Planalto. Depois de ser derrotado por Fernando Collor de Mello no segundo turno de 1989, Lula viu o adversário ser levado à lona do impeachment e firmou-se como alternativa eleitoral nas pesquisas. Em maio, quando a candidatura foi lançada oficialmente, Lula tinha até 40% das intenções de voto e nenhum adversário visível.

Por dentro, no entanto, a campanha era minada por uma disputa entre o grupo de amigos do ex-metalúrgico e os chefes de facções radicais do partido.

Essa divisão levaria o candidato a ficar perdido no momento mais importante da sucessão, quando o Plano Real avançou e consolidou o nome de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Só nas últimas semanas Lula esboçaria reação, trazendo a militância às ruas, mas já em franca desvantagem. No final da campanha, o nervosismo e a irritação substituíram, no comitê petista, a autoconfiança dos tempos em que a caravana de Lula passava pelos grotões como uma avant-première do futuro governo.

As caravanas foram a melhor ideia e a marca principal da campanha petista. Durante um ano, Lula passou por mais de 600 municípios, onde nenhum candidato jamais esteve ou dificilmente estará. Percorreu mais de 40 mil quilômetros em estradas esburacadas, rios semina-
váveis, conheceu o Brasil. A sugestão partiu do assessor de imprensa Ricardo Kotscho e enfrentou resistências dentro do partido. Mas o próprio Lula já estava seduzido pela

idéia desde a campanha de 1989, quando leu um livro-reportagem sobre o Nordeste.

Antes da caravana, a campanha de Lula passou por outras fases. Em 1990, o PT ocupava-se da montagem de um governo paralelo, que permaneceu na sombra, mas permitiu ao candidato aprofundar-se em debates sobre os problemas brasileiros. Dali sairia boa parte do programa de governo do PT. Em 1990 e 1991, quando a Secretaria de Relações Internacionais do partido foi entregue ao professor Marco Aurélio Garcia, Lula fez também um extenso programa de viagens ao Exterior. Saiu do circuito Cuba—Cortina de Ferro e aprofundou seus laços com a social-democracia européia.

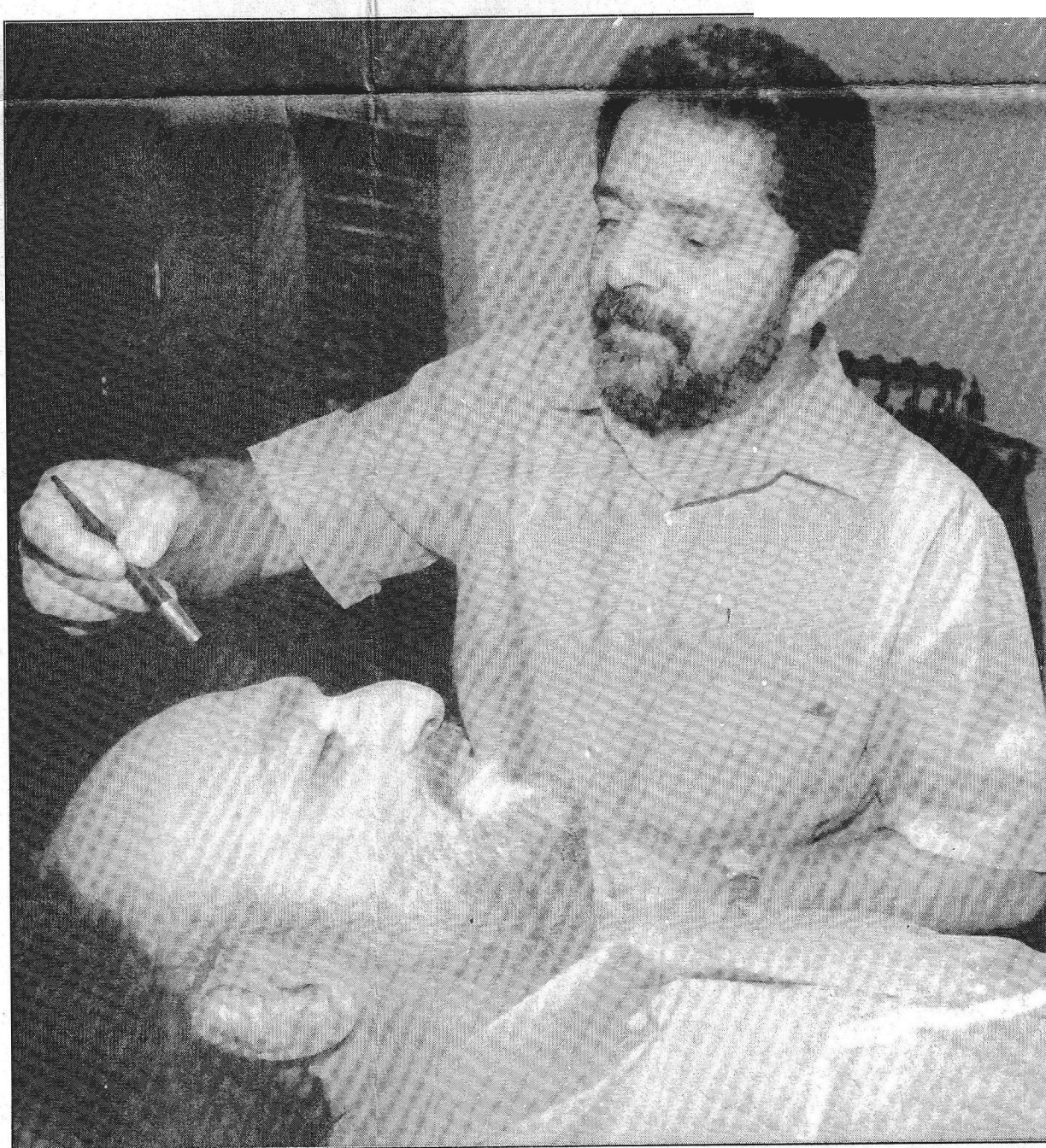
A história deu um presente a Lula em 1992 com a campanha pelo impeachment de Fernando Collor. O PT e seu candidato conquistaram espaço na mídia e nas ruas, na conclusão

DIVISÃO NO PARTIDO DESNORTEOU CANDIDATO NA AVALIAÇÃO DOS EFEITOS DO REAL

daquilo que Collor chamava de “terceiro turno” eleitoral. Este foi vencido finalmente pelo PT, dentro de uma amplíssima aliança que derrubou o primeiro presidente eleito pelo voto em mais de 30 anos. O ano seria encerrado com a preparação do projeto PT 2000.

Um documento preparado pelo grupo mais próximo de Lula traçou as diretrizes para o partido em um horizonte de dez anos. Objetivo: eleger Lula presidente e fazer seu sucessor, para nesse período instituir um programa de reformas, principalmente a reforma agrária. Era um tempo em que Lula sonhava ter como vice em sua chapa o então presidente do PSDB, Tasso Jereissati. As conversas entre os dois políticos eram estimuladas pelo senador Mário Covas, o maior líder dos tucanos, que se recusava a disputar a Presidência.

Confiante no cacife obtido pela “onda ética” e na paralisação dos adversários, Lula endossou a decisão partidária de não participar do governo Itamar Franco, embora tenha indicado o ministro do Trabalho, Walter Barelle. Sua primeira (e talvez mais grave) derrota para a burocracia petista viria em seguida: o PT decidiu apoiar o presidencialismo no plebis-



Lula retoca maquiagem de Carlão, candidato em Minas: na TV, imagem ficou na mão de radicais

cito de abril de 1993. Derrotado, o parlamentarista Lula afastou-se da campanha e das conversas com os tucanos “afinados”, fechando as portas de sua mais importante aliança.

No fim daquele ano, a CPI do Orçamento caiu para o PT como um novo presente da história. O senador José Paulo Bisol (PSB-RS), vice de Lula em 1989, e o deputado Aloízio Mercadante (PT-SP), golden boy do partido, brilhavam na acusação. O PMDB quercista, o PFL e o PPR, principais partidos conservadores, eram acuados pelas investigações. Nenhuma força parecia ameaçar Lula, que fazia sua candidatura penetrar nos grotões e somava pontos na pesquisa ao final de cada caravana.

Às vésperas da convenção de maio, o PT só conseguia ver a vitória no primeiro turno e os grupos digladiavam-se internamente por fatias

de poder. “Essa campanha não tem comando, tem um ministério”, disse certa vez o secretário particular de Lula, Wander Bueno do Prado, medindo a altura do salto dos dirigentes partidários. Desde 1991 Lula já não participava de nenhuma tendência partidária. Abandonara as reuniões do grupo majoritário Articulação e portava-se como um magistrado nas disputas internas.

Preocupado apenas com a candidatura, Lula fechou um acordo com o presidente do PT, Rui Falcão: em troca de não ser importunado na condução das alianças regionais, cedeu a Falcão o controle sobre os programas de rádio e TV, o coração da campanha eleitoral. O resultado foi o pior lote de programas já exibido por qualquer candidato do PT desde a fundação do partido. Quanto às alianças regionais, à exceção da Ba-

hia, elas não foram feitas por objeção dos comandos estaduais do PT.

Falcão e seu grupo, integrado por Luiz Eduardo Greenhalgh e o publicitário Paulo de Tarso, vetaram a campanha profissional oferecida em abril pelo publicitário Duda Mendonça. Alegaram que Duda ajudara Maluf a derrotar Suplicy na campanha municipal de 1990 e não merecia confiança. Em agosto, já com a campanha em crise, o trio dispensaria o apoio do cineasta Silvio Tendler, convidado por Lula. Trocar o comando da campanha e da montagem dos programas passou a ser o objetivo prioritário do grupo mais próximo de Lula, mas só

REAÇÃO SÓ FOI TENTADA JÁ NA RETA FINAL

na hipótese de um segundo turno. “O time do programa é de primeira”, disfarçava Lula. O time de Telê Santana na Copa de 1982 também. “Nem por ter perdido o Telê mudou a filosofia”, insistia o candidato, fiel ao acordo com Falcão. “É uma gente que prefere perder só a vencer malacompanhada”, lamenta um parlamentar do partido. Foi nesse ambiente que a candidatura recebeu em julho seus mais duros golpes: a circulação do real e a descoberta, pelo **Estado**, de que o vice José Paulo Bisol apresentara emendas ao Orçamento para o município de Buritis (MG), onde possui uma fazenda.

Lula não estava preparado para enfrentar o real. Foi um raro caso em que a assessoria pessoal (leia-se Aloízio Mercadante) e a direção do partido convergiram. E para o erro de subestimar o potencial eleitoral da nova moeda. Documento da direção partidária, revelado pelo **Estado**, dizia já em maio que Cardoso e sua moeda eram potencialmente menos perigosos que a candidatura de Orestes Quêrcia. Quando a moeda entrou em circulação, Mercadante disse a Lula que o plano tinha fôlego curto e não derrubaria a inflação.

No caso Bisol, Lula não tem parceiros no erro. Foi o próprio candidato, por fidelidade ao amigo senador, quem postergou por um mês a troca de vices na chapa, levando a campanha ao desgaste e à paralisação, como reconhecem hoje seus mais próximos assessores. Desperando nas pesquisas Lula agarrou-se à esperança de que um acidente de campanha perturbasse o adversário. O acidente foi captado pelas parabólicas de todo o País, quando o ex-ministro Rubens Ricúpero cometeu inconfiáveis comprometedoras antes de uma entrevista para a **TV Globo**.

O PT comemorou o tropeço, mas não conseguiu capitalizá-lo por falta de criatividade. Analistas a serviço das duas candidaturas concordam hoje que aquele momento, no início de setembro, seria a única oportunidade de reverter as curvas das pesquisas. Com o fracasso, Lula passou a depositar suas esperanças só na militância do PT, com breve porém histórica tradição de crescer na reta final das campanhas. Jogou toda sua energia em comícios em seus maiores redutos.

Nas conversas reservadas, porém, o grupo mais próximo ao candidato chegou à última semana de campanha com uma análise derrotista: esta eleição foi, para Lula, pior e mais difícil que qualquer outra.